

Illustração Portuguesa

DIRECTOR Carlos Malheiro Dias — EDITOR José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha: Assignatura conjuncta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa

Anno.....	18000	Anno.....	85000	Trimestre.....	28000
Semestre.....	9000	Semestre.....	43000	Mez (em Lisboa).....	7000
Trimestre.....	3000				

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa



GRUPO DE BAILARINAS NAS «VIAGENS DE CULLIVER»

Summario | O AMIGO DOS POETAS E DA MARIA CACHUCHA, PELO SR. ALFREDO DE MESQUITA, COM 17 ILLUST. — EL-REI PINTOR, COM 12 ILLUST. — A TORTURA E O COMBATE AO SERVIÇO DA JUSTIÇA, COM 13 ILLUST. — CHRONICA THEATRAL; FAVAS CONTADAS, COM 7 ILLUST. — A ICONOGRAPHIA PUNERARIA EM PORTUGAL, PELO SR. MANUEL MONTIHO, COM 1 ILLUST. — ARMORIAL PORTUGUEZ, COM 4 ILLUST., ETC., ETC.

OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

FITREM OS CHARUTOS

Republicanos	30	ross
Congressistas	30	"
Regeneradores	30	"
Marianos	50	"
Navarros	60	"
Agulha	80	"
La Corona de España ..	100	"

A venda nos estopios e tabacarias de Lisboa, Paris, Coimbra, Braga, Santarém, Castello Branco, Guarda, Faro, Évora, Leiria, etc.

153, Rua da Palma, 155—LISBOA



UNICO IMPORTADOR
Alfredo Alves Martins

Union Maritimee e Mannheim

Companhia de seguros postaes maritimo e de transportes de qualquer natureza

Directores em Lisboa

LIMA MAYER & C.^a

RUA DA PRATA, 59, 1.^a

Sedativo BEIRAO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as men-truções irregulares (dysmenorrias). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores redobras muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadricas, vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; causa a expulsão dos diureses, alivia a elevação do ventre por accumulção de gases, a turgidez das veias da perna e das membranas que muito comocam as men-truções irregulares. O Sedativo Beirão actua com a regularidade da men-trução regular, o que o torna muito mais eficaz e seguro. O Sedativo Beirão actua com a regularidade da men-trução regular, o que o torna muito mais eficaz e seguro. O Sedativo Beirão actua com a regularidade da men-trução regular, o que o torna muito mais eficaz e seguro.

RELOGIO VULCAIN

HORA EXACTA

Venda-se em todas as relojoarias e em...

passado, presente e futuro revelada pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Dis o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sentenças, chiromancia, phrenologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose e d'Arpignieu.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada, pelos numeros, a cientes da mais alta categoria, a quem ordisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 18000, 24500 e 58000 reis.

CHRONOMETRO

WENITH

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as moléstias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1\$000 réis

7 frascos 6\$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos a:

PHARMACIA BRAZILEIRA

45, L. de S. Domingos, 15-A LISBOA

DEPOSITOS ADORESADOS:

Em Portugal: Pharmacia Libral—Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.

Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.

Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.

Export Drugist, 58 e 59, Bull Row London, E. C.

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhada de perturbações que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o sr. dr. Arral, de Paris me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrhoeico, cujo effeito colossal se não fizera esperar.

Tenho repetido o uso d'esta especie de remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dor.

Nem no remedio caseiro nem das pharmacias locais conseguí um allivio.

Porto, rua de S. Luiz, 124, em 20 de novembro de 1905.—Beccila Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellão Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en Italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

Prix du flacon: huit francs, France pour tous les pays de l'Union postale. Centre mondial de poste adressé à Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

Amigo dos Poetas



é da "Maria Rita"

Veneza é triste: mas por noites de primavera, quando toda ella se envolve no manto azul do céu, e a lua se reflecte nas ondas tremuluzentes dos canaes, como se dêsse com pedrarias preciosas, não ha realidade que mais lembre o sonho. Toda ella se ergue, como um encanto, da serenidade immensa. Dos rochedos ou ilhotes, cortados por mil canaes, juntando-se por pequeninas pontes, erguem-se os palacios patricios, imagens e ruinas de esplendor e magestade. E do fundo da gondola, que nos leva e desliza, vae a gente olhando as estrellas que se avistam de cada canal, passando sob as pontes que o luar prateia, entregando-se ao afago das brisas que fazem gemer os sinos, seguindo com o ouvido delicado, até muito longe, os soluços d'uma barcarola.

Assim se passa toda a noite, e só é lastima que amanheça tão cedo — porque, mal amanhece, vae a gente deitar-se e dormir até ao meio-dia. Depois, toda a tarde, é o aborrecimento que parece sem fim, até que outra vez a noite volta.

Ha, todavia, um momento quando o sol mais brilha, e de mais alto peeneira sobre tudo o seu pó

de ouro, em que Veneza toda se compraz com a ostentação tradicional de um dos seus grandes encantos: é o momento em que, ao bater do meio dia, uma nuvem de pombos brancos se desprende do céu azul, se desenrola e desdobra sobre a praça de S. Marcos, cobrindo-a inteiramente como que d'uma felpa de neve.

A praça de S. Marcos passa por ser a mais bonita praça da Italia. Era o theatro das festas publicas, no tempo em que a liberdade e a prosperidade de Veneza estavam no seu auge, e o commercio atraira as nações todas ao trafico do seu mercado. Em roda da praça, onde hoje tudo está tomado pelos joalheiros, pasteleiros e cafés, eram as barracas de venda para os optimos tecidos de seda e lã, os famosos veludos e brocados venezianos, os grilhões e trancelhos de ouro, as joias, as armas, os bando-

lins e guitarras, as plumas, as telas que pintavam o Ticiano e o Tintoreto. Ao fundo da praça, entra-se na igreja do santo que lhe dá o nome, e que é o padroeiro da cidade — o quer que seja de abstracção da architectura religiosa, veneravel, mysteriosa, magnifica, toda ella marchetada de esmeraldas e turquesas.

A primeira coisa que os cicerones de Cook querem mostrar aos viajantes que para lá lhes vão recommendados é a igreja de S. Marcos.

Só depois é que os levam ao Palacio dos Doges e á Ponte dos Suspiros.

A's vezes está o templo atulhado d'aquellas inglezas de idade incerta que andam pelo mundo de nariz no ar, e a luneta calvalgada na ponta do nariz, a dar fé de tudo, quando, de repente, começa o sino grande a dar as doze badaladas do meio-dia. Bate o cicerone as palmas, e corre para a porta, gritando ás inglezas que o não larguem, que o sigam, que o não percam de vista. E ahí vae o magote atraz d'eile, aos saltos, ou ás corridinhas, como rancho de perúas a que atrassem de

longe uma mancheia de milho e lhes gritassem glu-glu!

No momento em que bate a ultima badalada, está a praça coalhada de todos os pombos que arrullham por minaretes, arcos e corucheus de Veneza *la bella*. E não ha ingleza do rancho que não lhes atire o seu quinhão de alpista ou de bolacha esfarelada. Os pombos já as conhecem tão bem, que, mal ás avistam, esvoaçam para ellas, rodeiam-nas de galanteios, veem-



Raphael Bordallo Pinheiro e os seus "gatos"





lhes pousar nos hombros e na côpa do *canotier*, deixando-lhes sempre, na côpa do *canotier*, uma pequena recordação de Veneza, por saberem quanto ellas gostam de guardar recordações das terras por onde passam...

Raphael Bordallo Pinheiro, a mais fértil e singular imaginação de artista e humorista que ainda tem tido Portugal, queria que Lisboa offerecesse também ás inglezas que correm mundo por conta de Cook e outros semelhantes agentes de viagens — transporte, hotéis, bagagens, guias e gorjetas tudo incluído no preço do bilhete — um momento de regosijo involuível, para sempre preso à saudade que Lisboa invariavelmente deixa ao estrangeiro que uma vez a visitou. E a sua idéa era que, em vez de pombos — não só por serem poucos os que temos, e esses poucos andarem todos matriculados na Escola do Exército, mas ainda para que não houvesse razão de se dizer mais uma vez que só vivemos das imitações

— fossem gatos, os numerosos gatos de Lisboa, que, a uma certa hora pontual do dia, se dêsem *rendez-vous* no ponto da cidade tanto melhor quanto mais central, como em Veneza o é S. Marcos.

Seria esse ponto o Rocio, se quizessem; e o momento, se o quizessem, também o do meio dia. Meio dia, para nós, é a hora a que melhor podemos dar ao estrangeiro a illusão de uma vida tropolosa e afanosa, hora a que todos nós corremos, e nos ajudamos, no caminho das nossas repartições. Claro está que, como



Uma bemfeitora de gatos desvalidos

nenhum de nós iria explicar ao estrangeiro que toda essa pressa é só para ir assignar o *ponto* e ficar depois livre e voltar depois para o sol, para a esquina, ou para a porta da tabacaria, o effeito seria optimo. Já quantos viajantes teem dito em seus relatos, julgando do todo por essa illusoria parcella de afan, que somos um povo de surprehendente actividade!

Os venezianos chamam os pombos com a alpista; nós attrairiamos os gatos com o carapau. E a concorrência seria enorme. Dos bairros, ainda os



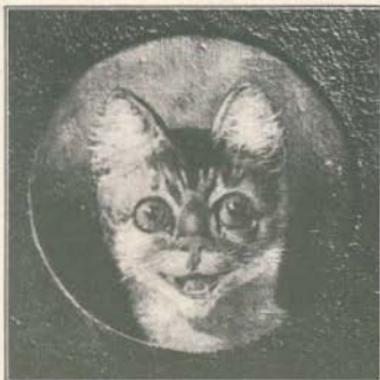


mais afastado, elles convergiam, todos os dias, e no momento fixado,

com segura pontualidade, ao meio do Rocio, ao redor do pedestal do Senhor D. Pedro IV. Viriam os gatos de Alcantara e os gatos da Graça; os da Lapa e os de Alfama; os de Campo de Ourique e os da Mouraria; os do Bairro Alto e os da Baixa. Viriam os gatos do povo, os gatos das classes médias, os gatos da aristocracia. Viriam todos.

Lisboa é, por excellencia, a cidade dos gatos. Ha gatos em toda a parte do mundo e em todas as terras do mundo, mas em nenhuma outra ha tantos, nem de tão variadas especies e feitios, como em Lisboa.

A India, como a Africa, tem os seus ruivos, d'um ruivo tão lindo e de tão luminosas tonalidades, que até lhes chamam doirados. Tem a America o seu gato tigre, e o seu gato dos Pampas. Nas grandes florestas da Europa, se exceptuarmos as do norte, pula de ramo em ramo, espavorido de si mesmo, o bravo gato montez. Mosqueados são os da Persia. De rabo tosquido são os malaios; e até sem rabo os ha,



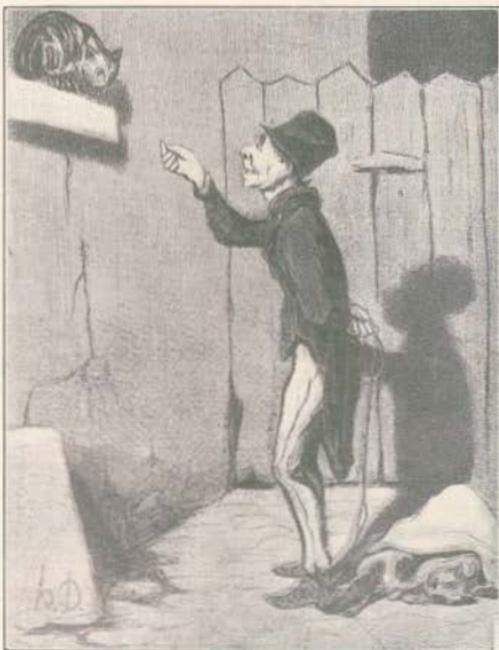
Cabeça de gato — Quadro de Girão

que são os gatos ilhéos de Man — os gatos mais tristes de que me chega noticia, porque para o gato que não pôde dar ao rabo não ha alegria n'este mundo.

Os zoologos que n'este assumpto mais tem mettido o nariz pretendem que o gato manilhado dos antigos egypcios, tido por muito tempo como o primeiro dos gatos domesticados, não era senão aquelle mesmo que já os nubios, e desde os tempos mais remotos, haviam ensinado a fazer os seus precisos no caixote de serradura todos os dias mudada. Averiguaram

elles ainda, os zoologos, que o gato domestico, rarissimo na antiguidade e precioso, só appareceu em paizes da Europa pela Idade-Media, augmentando depois que os embarcadiços d'aquelle tempo nos trouxeram os gatos do Extremo Oriente chinês, que por lá andavam nos pagodes, e que por cá continuaram na mesma, com gaudio desaforado das nossas gatas europeas.

Sabia, porém, mais de gatos que os zoologos todos juntos, a saudosa Maria Rita, que morreu a rir, quando lhe vieram contar a desfeita que á sua vizinha Maria Cachucha fizera certo gato de



A caça dos gatos durante o cerco de Paris -- Desenho de Daumier





muita estimação que a mesma Maria Cachucha lhe tinha roubado para' dormir com elle...

Maria Cachucha
Com quem dormes tu?
Durmo com um gato.
Que me arranhe o...

E já dizia a Maria Rita, grande amiga e colleccionadora de gatos, a qual chegára a juntar no seu sótão mais do que o Rambois scenographo tinha fechados no d'elle, e que eram sessenta—ser de Lisboa que tirha ido para os nubios o primeiro casal de gatos sociaveis que elles lá conheceram e tiveram.

Sempre o gato se sentiu atraído a esta terra, de preferencia a qualquer outra, pela doçura do seu clima, pela hospitalidade do seu habitante, pela tolerancia da sua policia, pela sua abundancia de ratos, e, sobretudo, pelo fedor a gato que satura a sua atmosphera.

Montez ainda ou já domestico, authenticico de Angora ou malaio, *felis ornata* dos persas ou calocolo dos pampas, espantado das florestas desbravadas, corrido da mythologia, fugido do sortilegio, o gato encontrou sempre aqui a temperatura quente de que tanto gosta, o socego a que tanto se affeição, a tripa de peixe que tanto lhe appetee, o borraho ou o collo que tão irresistivelmente o convidam, a festa da mão amiga, que começa no alto da cabeça, entre as carti-



Gatos, alto relevo de Carabin

lagens da orelha, desce, com ligeira pressão, sobre a espinha, se prolonga por toda a cauda sempre ao correr do pelo...

Janeiro, que é o mez d'elles, em nenhuma outra paragem lhes dá, como em Lisboa, a indemnidade dos bronchios que lhes consente as noitadas sem fim por cima de telhados, no abuso doce-agreste do amor licencioso, do namoro deitando para o mal, do galanteio que desanda em correria, da seducção que vai até ao rapto, do arrebatamento que acaba em rebolão pelo beiral fóra, e do telhado abaixo!

Rica terra para cruzamentos—esta. Tragam da India ou da Africa um gato ruivo ou dourado, encommendem ao nosso consul em Sião outro d'aquelles, que só ha lá, de rabo

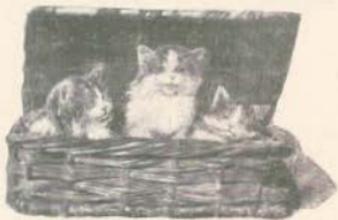


Os angoras do sr. Luiz de Sommer

descommunal; peçam a alguém do seu conhecimento que venha do Egypto o favor de lhes trazer um bom exemplar da especie dos manilhados, egypcios esses da gemma.

Mal elles cá cheguem, desapertem a cada um a bocca do sacco em que vier, e deixem-no á vontade.

O instincto e o olfacto, tão fiados em felinos, se darão pressa em os encaminhar áquella boa, saborosa approximação de individuos da mesma especie e sexos diferentes, que é a su-



Gatos de estimação — Desenho de Eugenio Lambert

prema tendencia da natureza na conquista da perpetuidade.

Ponha-se depois cada qual á espreita dos estados d'alma da gata que





tiver em casa — a malteza, de grande olho azulado, ou a preta de azeviche de olho tão verde como a esmeralda; a toda branca de olho cõr de rosa ou a toda amarella de olho de topazio...

Ella, que tanto apreço dava ao isolado concheo d'um certo fundo de fauteuil a certo canto sombrio, entre repositores, e onde toda se enovelava e deixava que passassem as horas ao sabor da pressa que tanto as faz correr, pouco a pouco irá espreguiçando-se na direcção do sol que bate na varanda ou doura em nesga o lagedo do alpendre. Um pouco antes, porém, de lá chegar, deter-se-ha instantes, assentar-se-ha sobre as patinhas trazadeiras; e ora com uma, ora com outra das que lhe ficam livres, encetará a sua *toilette*. A sua lingua, aspera como a roseira brava, mas d'um vermelho tão lindo como o da petala das rosas que essa roseira dá, passará e tomará a passar, vezes sem con-



François Coppée e o seu gato favorito



O rei dos gatos — Um angora que vale 25.000 francos

to, por toda a parte do corpo de que o pello fique a seu alcance, como se ella houvesse saído de um banho de lambedouro. Aonde a lingua não chegue, chegará a pata, lambida previamente; e tão minucioso será, tão demorado, o seu cuidado de se fazer bonita, que a tanto cuidado chamaria tolice, se é que a visse, Liane de Pougy... Haja espelho acessível e não se cançará ella de se mirar ao espelho, já puxando os bandós mais para os olhos, já ensaiando o meio-olhar de postiga miopia, que tão bem vae a gatas como a certas mulheres, na espreita do que d'ellas julgue o amor dos gatos e dos homens

Depois, rapidamente, avançará para o sol em cheio; e, senhora de suas graças, segura de seus

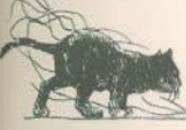
amavios, estatelar-se-ha ao sol, tão abandonada de preconceitos e ademanes honestos, que não passará gato pela rua, ou por cima do muro do quintal, que a não tome por gata leviana e facil.

E não haverá tapete felpudo por onde ella



çadores de rãs — *Agnarella de Malher*

se não rebole, nem estofo macio por onde se não roce,





nem tufo espinhoso de jardim por onde se não embrenhe, na busca de todos os mornos contactos e exquisitos arrepios, que incessantemente lhe bulam com o mecanismo tenso dos nervos.

ta tiverdes ou oculo de grande alcance, só olhar para traz em Arroyos, se elle se espantou ao Soccorro, só ir parar em Pedrouços se o espantaram em Xabregas!

Lindo, sem duvida, entre os mais lindos, é o angora, gato de princezas e de millionarios, *grand-prix* de todos os certames, privilegiado do logar de honra em todos os museus. Mas não o tratem a bifes de vitella, filetes de linguado e caldos de farinha de Nestlé, e era uma vez um gato de vinte e cinco mil francos e mais! Põe-se a emagrecer tão depressa como se fôsse cheio de vento e lhe tivessem destapado o orificio de assoprar. O pello, de necto e levantado, murcha-lhe e escorre como melenas de janota senil; os olhos claros, em que brilhava a plenitude do gozo de viver, amortecem-se a privação das



Os dois Angoras da Rainha viuva de Italia

Deixem passar um mez, mez e meio, cincoenta e cinco ou cincoenta e seis dias (que é o tempo certo), e ahi teráo o risonho desenlace d'aquelle mysterio de gestação: uma ninhada de pequeninos gatos de mesclas sorprendentes, disparando a côr dos olhos com a côr do pello, não havendo sombra de regularidade no desenho dos mosqueados, marcando rebeldia á affirmação de raça as manchas, que baralharam seus sitios e se distribuiram por elles como melhor puderam.

Por isso o gato alfacinha, resultante de todos esses cruzamentos, e progenitor, por sua vez, de outros que por cá vão deixando as gatas estrangeiras — as italianas de S. Carlos, as francezas do D. Amelia e algumas inglezas de fugida — é um gato sem raça definida, um gato extravagante, um gato extraordinario.

Se ha, todavia, gato que nobilite a sua especie, p'la tempera, p'la supremacia organica, se o compararmos com os outros gatos, é esse, e, por um modo incontroverso, o nosso.

Diz-se que não ha folego que se compare ao do gato. Ha até quem lhes dê, a gatos, de outros paizes, quatro folegos e mais. Pois o nosso tem sete! Espantem-no, batendo as palmas e gritando-lhe «sape gato!»; ou não façam mais que pegar do cabo d'uma vassoura fingindo que o vão correr com elle, e ahi o vereis partir mais veloz que o esguicho de um foguete, mais leve que uma penna, mais impalpavel que um sópro; e assim o vereis, se boa vis-



Um cartaz de Steinen, famoso pintor de gatos

boas coisas que não voltam mais; a cauda, que era um luzido pennacho, não será mais que um misero espanejador. O que se chama um gato a não poder com uma gata pelo rabo! E não haverá melhor lição d'aquillo em que tantas vezes se torna a soberba dos grandes e dos poderosos, que a tristeza da sua miseria e o desconsolo do seu desprestigio.

Gato a que não ha mal que chegue, o nosso! Feixe de nervos, de natureza magro, o pello curto, a unha rija, o estomago de ferro, a espinha de aço, o



Em familia—(Agnarelo de Röuner)





olho temerário, (*) é em tudo, e por tudo, um forte gato. São-lhe virtudes peculiares a temperança e a resignação fácil. Lamber o tacho das migas, mesmo depois de o ter a cozinheira muito bem rapado; encontrar no caixote do lixo os restos d'um jantar de sexta-feira; espereitar varina de feiço que, por não ter podido vender a pescada inteira, se resolve a fazel-a ali mesmo em postas e lhe atira depois as tripas—são para elle delicias. Ter estado toda a santissima manhã em jejum, chegar á afinação de nena vêr

passar viv'alma de murganho, ser-lhe preciso pôr-se a apanhar moscas para entreter a fome, e ouvir de repente, no lagado da calçada, o baque de um certo emburrucho de tripas, que caiu do céu, e lhe repercutiu o baque no coração — é o regresso da ventura, a reconquista do animo, a confiança no saber esperar. Coisa sabida e proverbial e a gana com que a bofesse atira o nosso gato, como *gourmet* que vá cair a fundo no melhor manjar. Pertencer, finalmente, a dono ou dona que todos os dias lhe compre, e duas vezes lhe dê ao dia, carapau do gato—é ser o gato que se julge o mais feliz da terra.

Pois senhores: sendo certo que a vida de todos os outros gatos, ainda os mais bem nutridos e tratados, não vaee além, na média, de doze a quinze annos, menos certo não é, e por

coisa digna de notar-se o tenho, que o nosso gato se prende á vida, com quantas garras pôde, vinte annos, e mais!

Era crime capital matar um gato nos tempos græco-romanos do Egypto. A gata, mãe dos gatos, era adorada pelo pequeno povo de Thebas. Gata era a deusa de Bubastis. Gata tem sido muita gente boa. Fez o elogio dos gatos Champfleury n'um livro immoredoiro. Richelieu era mais doido por gatos que a Maria Rita, de quem aqui já falámos, e de quem toda a gente ainda hoje fala quando se fala de gatos. Nume-

rosos são os casos em que o gato, auigo do silencio e da meditação, se tornou o companheiro predilecto de artistas e poetas. Taine, o poeta da prosa, um dia em que quiz experimentar o verso, glorificou o gato n'um soneto que lhe saiu optimo. Hugo, Banville, Gautier, Baudelaire, sempre quizeram vêr gatos ao redor de si. Oito chegou a ter François Coppée. A historia das duas gatas de Pierre Loti, contada por elle, é uma das suas mais enternecidas paginas. Celebres ficaram os gatos pintados por Paulo de

Vos, por Hamilton e por Teniers, como já celebres são hoje os gatos desenhados por Stenlei e os esculpidos por Carabin.

Mas todos esses foram ou são gatos creados, engordados e penteados, para a galeria e para a historia, muito bonitos, muito seleccionados, muito apurados.

Ao passo que os nossos, não. Os nossos são



Gatões, gatos e gatinhos

(*) O gato de Lisboa so tem medo de duas coisas: da agua fria e do canivete do capador. Ainda assim, elle só tem medo da agua fria, quando ja e gato escaudado.





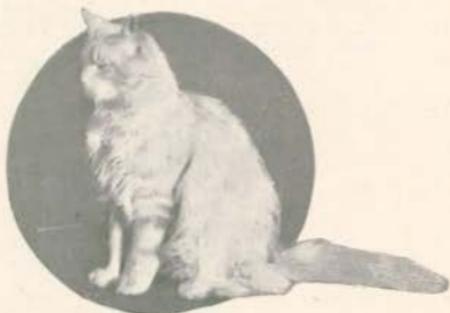
Um proximo parente do inoffensivo gato

o que são. Ainda mesmo aquelles que foram criação de artistas e poetas, como esses que deram a Fialho o typo dos seus *Gatos*, a Eça o Dom Bonifacio dos *Maíos*, a Raphael Bordallo todos os que percorrem, de rabo no ar e o espinhaço em arco, como gatos espavoridos d'um sabbat, as paginas do *Antonio Maria*; e aquelles que são familiares de outras musas, como a Colombina de João Penha, e esse regalado e pançudo D. Beltrão de Figueiróa, que se não farta de dormir, a bom dormir, acororado sobre a mesa em que Julio Dantas trabalha—ainda mesmo esses, são gatos que se contentam com as festas do dono e não olham a celebridade. Tanto lhes faz trazer laço de seda cor de rosa e

guiso ao pescoço, como não. Façam-lhes versos, sirvam-se d'elles para modelo de obras de arte, tanto se lhes dá. O que elles querem é festa, muita bichinha gata, o tacho da paparoca sempre bem cheio, liberdadesinha em janeiro, boa soalheira em toda a volta do anno. E tambem gosta muito de que os tratem por bichano.

Parece que toda a felicidade da vida lhes vem da certeza de que o seu dono está sempre prompto a dar alviçaras a quem o tiver achado se elle um dia se perder, e a mandar empalhar-o, mettel-o n'uma redoma e pôl-o sobre a mesa da sala—quando a morte vier!

ALFREDO MESQUITA.



«D. Beltrão de Figueiróas—Gato do sr. Julio Dantas





UM VELHO VIDALGO—Aguarella

O SEU ATELIER ◊ COMO TRABALHA UM REI ◊ OS SEUS QUADROS ◊ A ARTE E A REALEZA EM PORTUGAL ◊ UM DITO DE RAPHAEL BORDALLO ◊ A OBRA DE S. MAGESTADE ◊ O QUE DIZ A CRITICA ◊ O QUE DIZEM OS TECHNICOS ◊ O FIGARO DO «PIGARRON» ◊ APOLLON E ALEXANDRE MAGNO ◊ A PINTURA PORTUGUEZA ◊ UM MODELO ◊ O JURY DO SALON ◊ COMO EL-REI FOI ADMITTI-DO AO SALON ◊ NOTAS VARIAS

Quando d'aqui a seculos se summaria a historia da pintura portugueza do nosso tempo e se estudarem os seus mestres e os seus cultores, um dos nomes a distinguir entre os primeiros será o de D. Carlos de Bragança, um pintor que empunhava um sceptro de rei ao mesmo tempo que creava pela paleta um nome prestigioso.

Portugal é um dos paizes onde a arte tem sido uma planta que os reis se não desdouraram de acarinhar e cultivar. Se desde a fundação da monarchia esfiarmos a galeria dos seus dynastas encontraremos um sabio e dois poetas—D. Duarte, D. Diniz e D. Pedro. D. Luiz foi como se sabe um homem de letras na mais pura acceção da palavra. Traduziu Shakespeare e estudou-o a valer. Um avô de S. Magestade, D. Fernando, foi um artista, um estheta, um eterno enamorado da Belleza e da Arte.

O sr. D. Carlos é um grande artista, *double* de um sabio, cujos estudos e trabalhos, quer como pintor, quer como investigador e erudito, bastariam para lhe dar nome universal, ainda que não presidiisse aos destinos politicos d'este pequeno mas glorioso paiz.

EL REI PINTOR

Mas, deixemos divagações e voltemos a falar do artista. O Rei não é para aqui chamado. Despiu a purpura, despediu a sua roda de mesureiros e cortezãos, deu volta á chave do atelier e prompto.

Agora é do pintor que se trata. E' no atelier que o vamos encontrar. O atelier é no palacio das Necessidades, o antigo atelier d'el-rei D. Fernando. Não é muito grande e as suas condições de luz acham-se muito prejudicadas pelo tom avermelhado de uma parede fronteira. E' d'ali, sem embargo d'isto, que tem sahido esse nucleo de vigorosas telas que lhe crearam uma reputação de artista a valer e que indiscutivelmente — trabalhos de mestre—ncarão para o julgamento definitivo da obra do artista.

Quando S. Magestade se dispõe a trabalhar no atelier, esse dia é consagrado á arte. E o trabalho vae das 10 ás 4 da tarde ou quando a luz já de todo se altera e decompõe e a tarde começa a ennegrecer á approximação da noite. N'esses dias o almoço é-lhe levado ao atelier, fechado para todos, á excepção de um ou outro mais intimo. O trabalho então é por crises, e a sua veste de trabalho um casaco curto e justo, de seda, que manda vir do estrangeiro, onde sob indicações suas foi talhado. E' uma especie de dolman, nada militar porém, inteiramente abotoado mas dando a maior flexibilidade e amplitude aos movimentos.

Trabalha rapidamente.

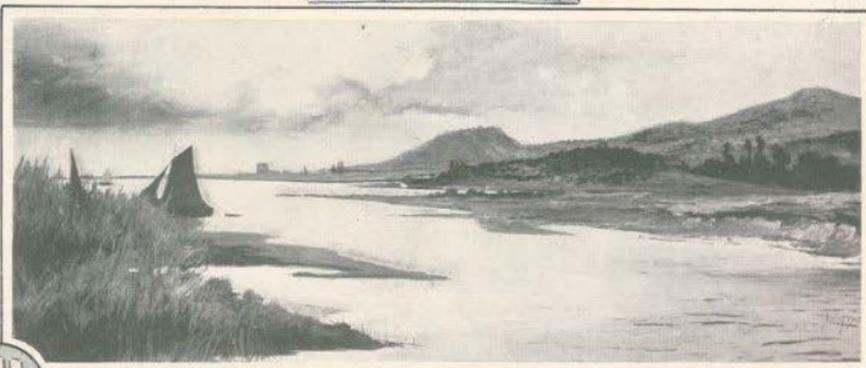
Os esboços architecturados no cerebro são rapidamente esquisados na tela. Um bom dia de trabalho e o quadro apparece já nitido nas suas linhas geraes, cheio de flagrancias que o seu olhar de analysta apprehendeu, porque elle é indiscutivelmente um

analysta, e d'ahi ao outro dia logo terminado... e dado. Dá todos os seus quadros. E' n'isso de uma louca e generosa prodigalidade. E é esta tambem uma das principaes razões que torna uma empreza impossivel, temeraria mesmo, o catalogo das suas obras. Quem o poderia fazer? Nem talvez o proprio artista.

Os estudos mais serios são a pastel. Todavia a aguarella e o a oleo são tambem trabalhos triviaes da sua paleta.



A RESPOSTA DO INQUISIDOR (1894)



AO CAHIR DA TARDE (NO TEJO, ARAIXO DE VILLA VERDE) — Pastel — 2^m.00 X 1^m.08 — 1902

Esses dias de trabalho são dias de felicidade. A visão artística atrai-o para a fixar em linhas harmoniosas da côr, em que a sua alma, livre por momentos das paredes palacianas, se liba em extasis de retina, em perfectibilidades ora fugidias, logo apprehendidas. E' uma fuga atravez do sonho, uma vaga abstracção que começa por pouco a pouco o tomar para d'ahi a pouco o possuir de todo, captoza e embriagante como uma voluptuosa embriaguez de haschich.

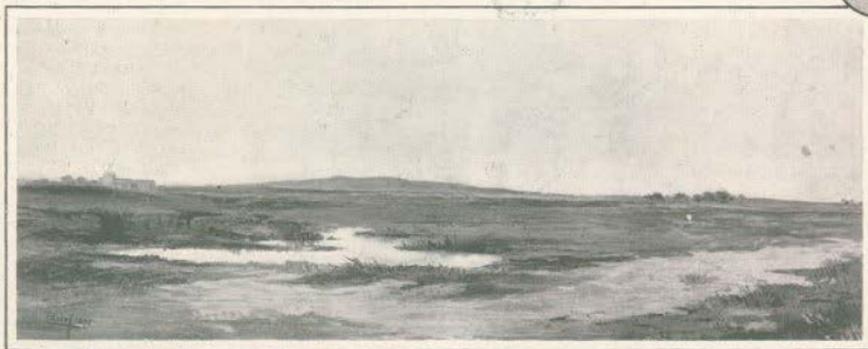
Então é o artista que ali vive, o artista que não vê senão a tela e a visão, que de nada se lembra, que nada escuta e que, como Archimedes ao ser trespassado pela espada do legionario, cogitando no seu problema, só existe para a visão que se vaee erguendo e detalhando, deslumbradora e poderosa, animada e vivificada pelo sopro potente e creador da Arte.

Se alguém, algum dos seus raros intimos ali se encontra, a conversação é de arte! Então todas as escolas se recordam, todos os pintores se discutem. Dó vigoroso Velazquez pas-

sa-se ao caricaturesco Goya. As encarnações de Rubens, rosadas e polpudas, o claro-escuro de Rembrandt, o delicioso e principesco Van Dyck, pintor de reis, tudo ali passa. Os modernos tambem lá são apreciados. E, não raro é afflorar á conversação o nome laureado de um Jean Paul-Laurens, de um Rochegrosse, de um Gérôme, de um Jean Carriés, de um Cabanel.

O regio artista em escolas de pintura e pintores é um ecclético. As suas preferencias não vão determinadamente para este ou para aquelle grupo, para este ou para aquelle quadro ou artista. Todos aprecia e em todos vê motivos de louvor, não regateando nunca o seu elogio ao que se lhe affigura digno d'elle. Mantem mesmo as melhores relações pessoaes com os grandes vultos da pintura franceza contemporanea e com os mestres da hespanhola. D'esta ultima Zorola e Moreno Carbonero são seus amigos pessoaes, que sempre visita quando vaee a Hespanha.

Raphael Bordallo, o mestre da caricatura em Portugal, ao contemplar em uma







ANTES DA CAÇADA (ALENTEJO) — Pintel — 1^o, 52 x 1^o, 13 — 1901.

exposição do Gremio Artístico duas paizagens e uma marinha de Sua Magestade, exclamou— «N'um paiz onde o Rei desenha melhor do que os artistas, deviam estes ir occupar o throno.»

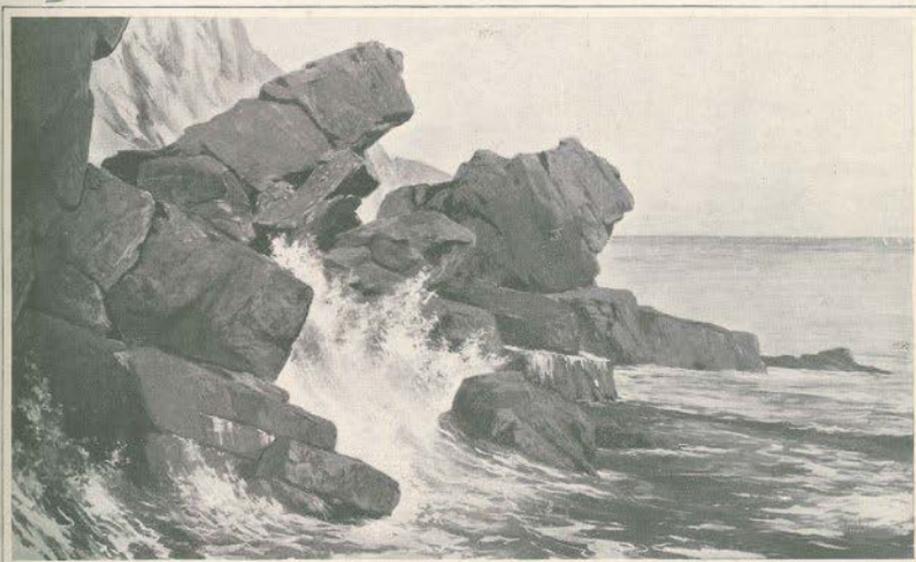
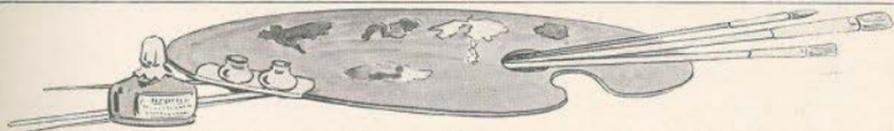
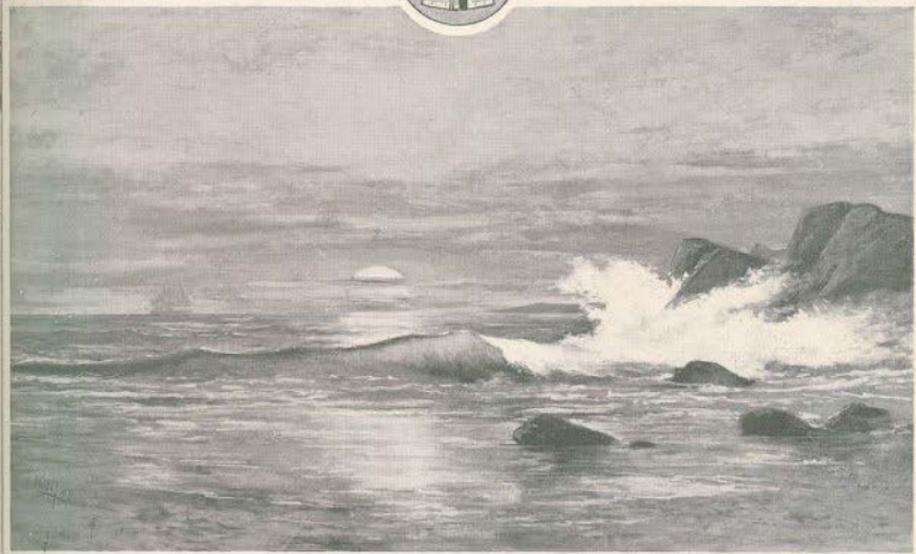
Esta phrase, que condensava um juizo e valiosissimo por ser de quem era, é uma verdadeira consagração. Ella por si só seria o capello doutoral, na faculdade de... pintura, se tal faculdade houvesse. Raphael Bordallo com o seu espirito, que debruava a genio a sua conversação, dizia mais no seu dito do que todos os elogios que a proposito viessemos aqui deixar.

Agora, o que dizem os technicos. Depois da critica quasi sempre caustica e irreverente do mestre que por si só é gloria de uma geração, a critica justa e sincera dos que só na critica crearam um nome de competentes e entendidos. E tem a palavra Ribeiro Arthur. Este distincto critico, ao apreciar a *factura* regia, classifica-a de «ragada, atrevida e original» e que «ao sr. D. Carlos não diria Apelles o mesmo que disse ao vencedor de Tyro e de Babilonia.» Sim! Não se riria o moço que mãe as tustas!...

Para se apreciar da obra de Sua Magestade necessario seria minudenciosamente estudal-a, examinal-a primeiro sob o ponto de vista chronologico—a psychologia da concepção—e depois distribuil-a pelos diferentes grupos que a compõem para lhe restituir a homogeneidade que assim é evidentemente prejudicada. Ora esse trabalho é bem impossivel pelo que anteriormente se aponta. Por isso, este artigo se limita a simples impressões da consulta de uma ou outra tela, parte insignificantissima de uma obra tão vasta, afinal. Na pintura de Sua Magestade ha a considerar aparte o processo da sua factura que a diversifica, a pintura historica, a de paizagem, a de costumes, e a de modelo, etc. Exemplo da primeira teremos essa tela magnifica—*A resposta do Inquisidor*: na de paizagem toda essa serie soberba que vae desde a paizagem ribatejana, de charneca e leziria, com juncaes verde claras e o sol

ao alto a atabafar o horisonte com a sua temperatura de forno, até a paizagem fresca e rumorosa da poetica Penha Verde com a sua vegetação luxuriante, a sua exuberancia de folhedos e o seu tapete de matizes onde predomina o verde-negro; na pintura de costumes, desde as scenas maritimas da vida do littoral, como é *O levantar de uma armação de alium*, esse trecho de vida tão flagrante e tão belamente executado, até á fidelidade notoria do *Antes da caçada*; em estudos de modelo, finalmente, ainda ultimamente nos deu esse bello typo de marroquino, cujo modelo foi um marroquino que Jorge Colaço havia trazido de Tanger, um demonio azevichado e feio com a sua basta carapinha selvagem e o seu ar de bandido e ferocidade. Em todos estes generos Sua Magestade conquistou um nome e uma reputação que lhe dá direito a ser apontado como um dos mestres, entre os que n'esta terra portugueza de direito o merecem ser.

Depois o seu pincel, buscando de preferencia assumptos portuguezes, paizagens e costumes, vem concorrer para vigorisar essa serie dos que na nossa pintura constituem a serie de telas nacionaes. Assim como na pintura hollandeza alguns pintores buscaram interpretar costumes e paizagens seus contemporaneos e essas telas são hoje buscadas com empenho para a reconstituição da vida d'essa epoca, assim da nossa pintura ficará uma serie de telas destinadas d'aqui a seculos a concorrer poderosamente com o jornal e com o livro para a reconstituição da vida nacional dos nossos tempos. Em Malhóia, depois de Silva Porto, o pintor das flagrancias campezinhas com toda a sua vasta serie: *Oleiros no forno*, *Barbeiro na aldeia*, *A descamisada*, *Passagem do comboio*, *O primeiro melão*, *A volta da romaria*, *Uma desgraça*, etc., que Manuel Henrique Pinto, discipulo de Anunciação e Silva Porto, continua com *Amelancias*, *Na lareira*, *Chegada da feira*, *Dar de comer aos que tem fome*, teremos toda a aldeia. Em Vaz toda a pintura do littoral. A paizagem, essa teremos pois que a buscar em Silva Porto. S. M. veu



1. PÔR DO SOL — Pastel — (1897) — 2. ARRIBAS DA GUIA — Pastel — (1906)

tambem fornecer uma bella porção de elementos novos para esse estudo com a collecção das suas paizagens excellentes. Entre os seus estudos, que apresentamos aos leitores, um é um bello sobreiro, copia do natural, modelo de côr e de fidelidade. E' o Alentejo na sua zona corticeira, com a sua paizagem monotona mas pittoresca.

A cabeça de velho fidalgo é soberba. Mesmo que esta agurella não tivesse a assignal-a o nome de um artista feito, ella se nos imporia como uma cousa deliciosissima. Até a indumentaria está estudada a valer. A aguarellinha de *O Figaro* é uma recordação de viagem de S. M. a Paris, e por essa occasião offerida á redacção do grande jornal francez. A critica franceza traçou então os maiores elogios de S. M. e honrou muito a sua tão captivante como fidalga lembrança.

S. M. tem sido um dos mais dedicados collaboradores da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Todos os annos envia á exposiçào alguns dos seus trabalhos e prova da sua fecundidade pastosa é a lista das telas expostas, que extractamos de catalogos que temos presentes. Por elles se vê que em 1804 S. M. expoz *A resposta do Inquisidor* (pastel); em 1805, *No Alentejo* (óleo) e *Marinha* (pastel); em 1806, *o Gado a bebida* (Ribatejo) pastel; em 1807 *o Pôr do Sol* (pastel); em 1808, *Marinha, Touros a bebida, Pôr do Sol* (Praia da Adraga), *Arro da Penha Verde, Uma onda, e a Charneca das Almas* (Alentejo) pastel; em 1809, *O levantar de uma armação de atum* (Algarve) pastel; em 1901, *Alex da caçada* (Alentejo) e *Praia da Adraga*; em 1902, *Ao cair da tarde* (no Tejo, abaixo de Villa Franca); em 1903, *No Sado* (efeito de luar, pastel) e *No Sado* (processo Raffaelli) e nos annos seguintes a *Paizagem alentejana, O marroquino e Uma onda em Cascaes*.

Em toda a obra de S. M. um dos quadros que mais sensação causou foi decerto *A resposta do Inquisidor*. Ribeiro Arthur no seu volume *Arte e Artistas Contemporaneos* diz d'elle o seguinte:

«O motivo escolhido pelo sr. D. Carlos na sombria tragedia do *Demonio do Meio-Dia* é esplendido. A scena que o quadro representa já a pintára n'uma emocionante poesia o malogrado artista das *Minialuras*.

E Philippe dizia ao monge no entretanto:

«Sentinella da lei, piezoso inquisidor,

«Tu que falas com Deus, e és padre, e és bom, e és santo,

«Arranca-me este peso, afasta-me este horror!

«Ah! diz-me cardeal, se é um vil, se é um precito,

«O rei que é justo e mata o filho que é traidor!»

E mais não disse o rei, torvo, sombrio e afflicto.
No entanto o inquisidor erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lageas de granito.

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:

— O principe, e apontava o livido Jesus,

— Para acalmar dos céus a colera implacavel.

— O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!

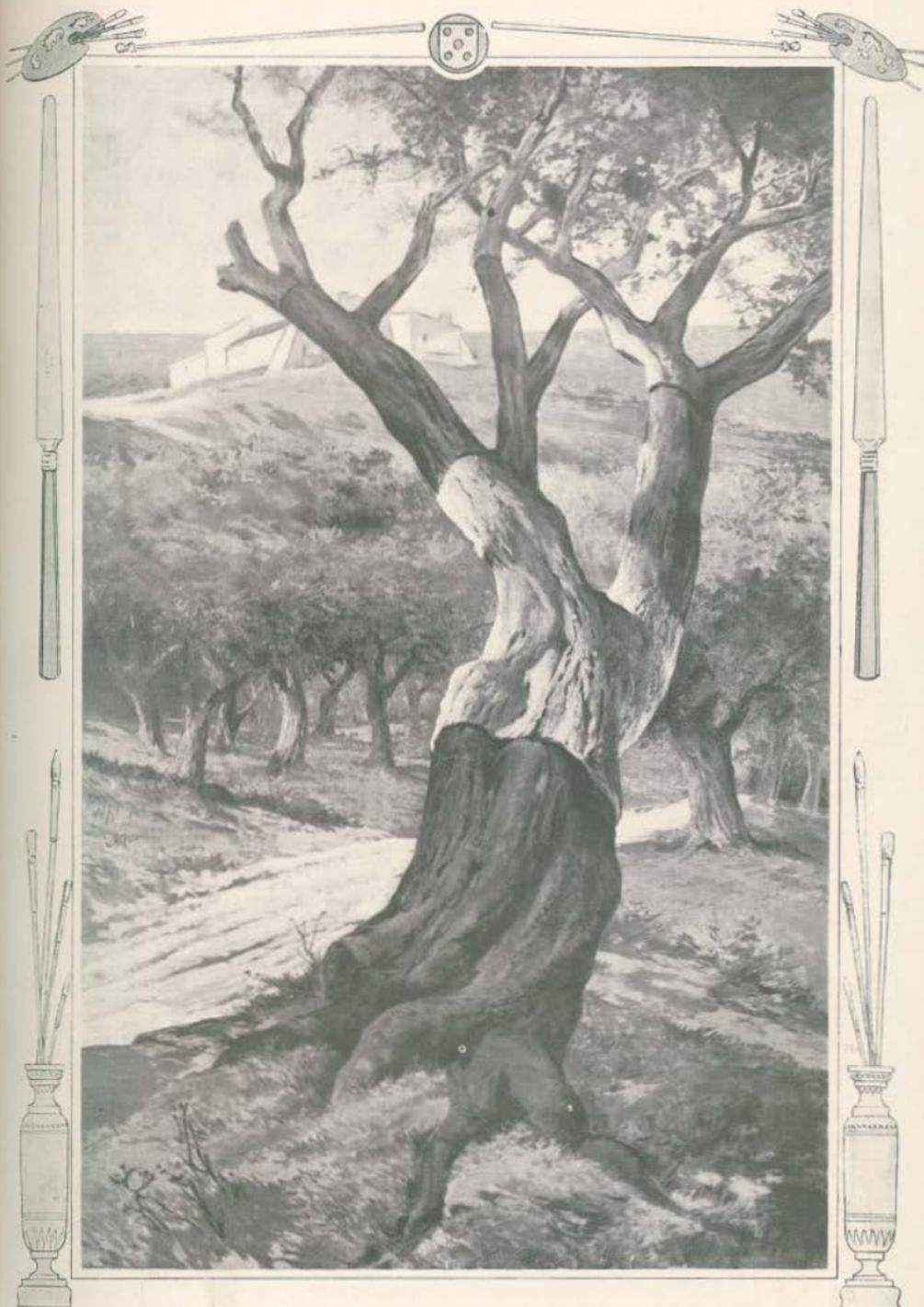
«O terrivel inquisidor tem no quadro uma attitude soberba quando aponta para exemplo ao rei da terra a justiça do rei do céu. O altivo e implacavel Fi-



UM MARROQUINO — 1904

lippe parece velho em demasia e muito curvado para a dureza do seu caracter.

«O tom geral do esboceto é encantador na sua harmoniosa sobriedade e o panno d'Arraz do fundo tem bellissimos toques. O trabalho de Sua Magestade realça e honra a exposiçào.»



VAIZAGRM ALEMTEJENA — Pustel — 2, 11×1, 45 — 1905)

Como se vê não pode ser mais lisonjeira a opinião da crítica. Essa opinião acha-se corroborada quando, em 1897, Ribeiro Arthur nos volta a dizer que o trabalho de S. M. «então exposto, não é simplesmente uma distracção real, mas uma obra de artista que estuda, procura vencer dificuldades e o consegue quasi sempre felizmente».

Tudo isto não vem comprovar senão que mercê do seu teapramento tão emotivo e ao mesmo tempo tão analysta, da sua factura insubmissa e original, das extraordinarias faculdades de assimilação que na sua obra heterogenea mas excellente se anotam, S. M. é um dos grandes artistas da nossa pintura e que o tornam também apreciado no estrangeiro, onde mesmo como artista já tem um nome glorioso. São varias as exposições estrangeiras a que S. M. tem concorrido. Um dos seus quadros, o retrato da

Infanta D. Eulalia, acha-se no Museu de Arte Moderna de Madrid, onde quem escreve estas linhas, admirado e confuso, foi deparar com elle.

Curioso é tambem de referir-se um caso que corre como anecdota, mas que tem visos de verdade. Quando S. M. enviou ao Salon, de Paris, o seu quadro *O levançar d'uma armação de atum*, o jury, reunido, telegraphou perguntando a S. M. se concorria como artista, se como rei, e qual a maneira como desejava ser julgado. Como rei, teria implicitamente direito ao *grand prix*, ao passo que como simples artista ao que merecesse. A resposta não se fez demorar: *Como artista*, respondia em telegramma S. M.

E, como artista, n'um certamen a que concorriam milhares de telas e os melhores artistas do mundo, S. M. A. p.



ARCO DA PENHA VERDE (SINTRA) — Pastel — 1.^o, 15 x 1.^o, 53 — 1898



O LEVANTAR DE UMA ARMAÇÃO DE ATUM (ALGARVE) — Pastel — 1.^o, 66 x 1.^o, 1899

A TORTURA E O COMBATE AO SERVIÇO DA JUSTIÇA

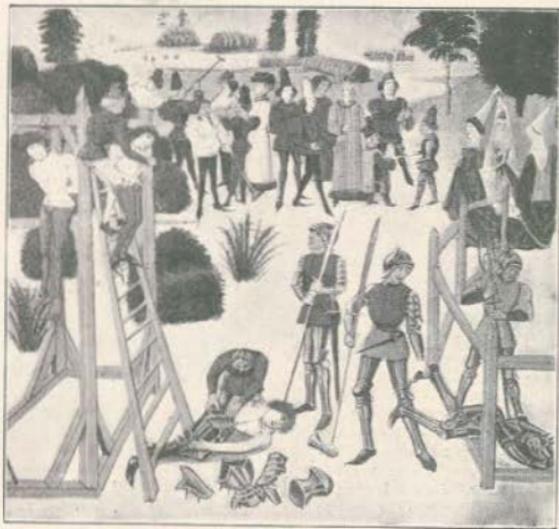


O paladino Rogerio vencedor de Radamonte
(Composição de Gustavo Doré
para o «Rolando Furioso»)

poder do mais forte dominavam inteiramente a justiça medieva. Appellar para um juiz, — era appellar para a crueldade e para a lucta. Não era a consciencia que julgava; não era a prova juridica que decidia: era a tortura e o combate, era o ferro e o fogo.

Um homem commettia um crime. Havia indícios de culpabilidade, circumstancias compromettedoras que pareciam indicarlo como réu d'esse delicto; mas faltava a prova decisiva, a prova esmagadora. Que fazia a justiça, n'esse tempo barbaro e obscuro da Edade-Media, verdadeira edade de ferro onde o soffrimento humano parecia não mover a piedade os corações? Estorçava-se por obter essa prova? Indagava, procurava, inquiria, ouvia testemunhas, esclarecia factos? Não; appellava para Deus. Os homens não o sabiam; Deus que decidisse. A fé mystica, que parecia dever dourar de misericordia e de perdão essa edade primitiva, ainda se conspirava para a tornar mais sanguinaria e mais brutal. O julgamento divino tinha de pronunciar-se, — e Deus, n'esse tempo remoto, só falava pela guella vermelha do fogo ou

A consciencia dos juizes foi durante longos seculos esclarecida por dois meios barbaros cuja simples evocação repugna ao nosso moderno sentimento de humanidade: a *tortura*, levando os criminosos a confessar o seu delicto pelo horror do soffrimento physico, e o *combate judicial*, lucta sumptuosa e sangrenta em campo raso, onde o julgamento de Deus apontava no vencido o verdadeiro culpado. A resistencia á dôr e a insensibilidade perante o supplicio, o acaso do mais feliz ou o



A forca: — Segundo um manuscrito medieva

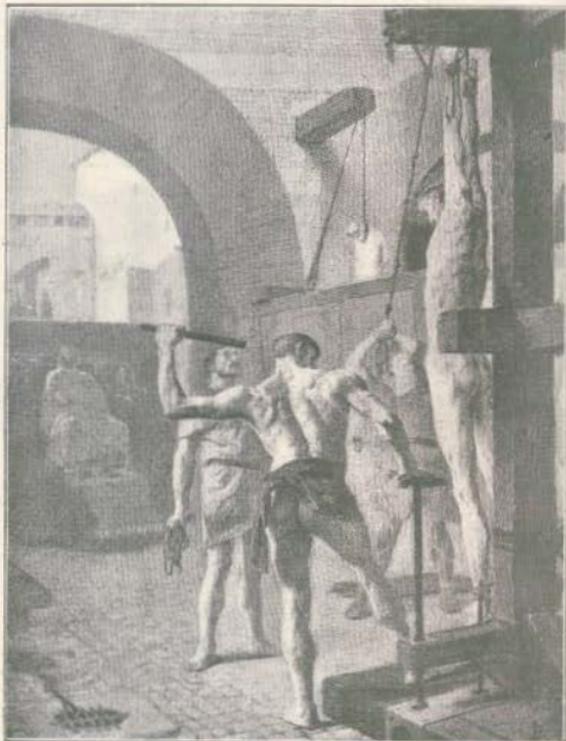
pela lingua luminosa das espadas. Tratava-se d'um innocente? Os juizes que preparassem os instrumentos de tortura ou a estacada do torneio: Deus se encarregaria de responder.

A «prova do fogo» era uma das mais vulgares na Edade-Media. Por ella, a intervenção sobrenatural do julgamento divino fazia-se—diziam os theologos e os doutores—d'uma maneira completa e indubitavel. Levantava-se um tablado em meio d'uma praça; sobre esse tablado, entre as togas negras dos juizes, aguardava um immenso brazeiro de cobre, acceso. O accusado subia, era conduzido até junto do brazeiro, e, depois de lido um comprido pergaminho, obrigavam-no a arrancar d'entre os carvões ardentes uma barra de ferro aquecida ao rubro e a dar tres voltas ao catafalco, mantendo-a apertada na mão. Só então o desgraçado podia deixar cair o instrumento do seu proprio supplicio: immediatamente, os juizes envolviam-lhe a mão queimada n'um panno de linho e sellavam o panno, em volta do punho, com um sello de chumbo ou de cera. Ao fim de tres dias o sello era solemnemente quebrado e a mão desentrapada: se havia chagas em suppuração, o accusado era considerado criminoso e estava por conseguinte perdido; se as lesões eram ligeiras e o medico as declarava em via de cura, o tribunal fazia ao pobre diabo a graça de em nome de Deus o confirmar innocente do seu supposto crime. Calcule-se, por este barbaro principio de justiça, — quantos criminosos não existiriam!

Esta era a prova do fogo classica; mas não tardou a que a phantasia cruel das justicas medievias a complicasse e a bysantinisasse ainda. Para a consciencia piedosa dos juizes já não bastava a barra de ferro no primitivo brazeiro; queriam mais, queriam melhor. Deus precisava de expressar por uivos mais dolorosos e por supplicios mais atrozes a sua altissima sentença. Crearam-se então variantes progressivamente mais terriveis. Primeiro foi a manopla ou luva de ferro, aquecida ao rubro, que o paciente tinha de calçar e de conservar por algum tempo na mão; depois, os ladrilhos de ferro candente, por onde o supposto culpado caminhava com os pés nus; por ultimo, o caldeiro de bronze cheio d'agua a ferver, no qual era preciso mergulhar o braço até ao

sangradouro para procurar no fundo um anel de ferro... É a phantasia dos piedosos tribunales rebuscava sempre, no escrupulo misericordioso de tornar mais infallivel a palavra de Deus, como se ás suas murças vermelhas a justiça divina tivesse encomendado o supremo supplicio como verificação da suprema innocencia!

As velhas chronicas contam a respeito da prova do fogo, cerimonia juridica essencialmente medievá e barbara, interessantes episodios. O mais curioso, sem duvida, é o do n.º 108 Al-dobrandini, trade italiano, que tendo accusado em 1063 o arcebispo de Florença dos crimes de heresia e simonia, se prestou como justificação e confirmação da verdade a atravessar uma enorme fogueira, entre as chamas e o fumo espesso, revestido dos seus habitos sacerdotaes, d'uma ampla casula coberta d'ouro, d'uma estola e d'um manipulo cheios de pe-



Um castigo judiciario nos tempos merovingios
(Quadro de J. Paul Laurents)





Como se fazia a prova de justiça nos tempos feudaes — Um combate em campo fechado no seculo XII

das preciosas. No dia indicado foi levantada a fogueira na praça publica, e entre o pismo do povo, que ajoelhou bradando justiça, Aldobandini atravessou as chamas são esalvo, voltando ainda atraz para buscar o manipulo riquissimo que lhe caíra entre as linguas crepitantes do fogo... Diante d'essa eloquente prova, o bispo de Florença foi considerado criminoso, preso, esbulhado da mitra e do palleo, e supplicado. Quanto ao monge, as chro-

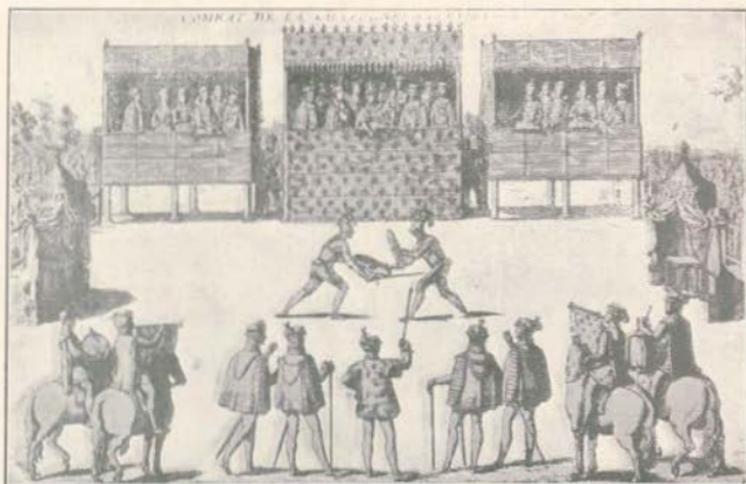


Um cão eteito em juiz — O combate de Montargis entre um mastim e um homem, no seculo XIV

Se frequentemente os cavalleiros se offerciam para campeão dos fracos, o exemplo de um cão combatendo pelo amo é unico na historia judiciaria da Edade-Media. Tendo sido assassinado um sgentarmer real, o cão foi lançado em publico contra o presuppsto assassino, que, antes de morrer, confessou o crime

nicas affirmam que sentira, ao atravessar as chamas da fogueira, uma impressão deliciosa de frescura...

Mas estes casos podiam considerar-se excepcionaes e verdadeiramente inexplicaveis, — se é que algumas vezes sahi-ram, com seriedade historica, do dominio primitivo da lenda. O mais vulgar e o mais triste era voltar o desgraçado das provas judiciarias na maior miseria e na mais pungente chaga. Quantas vezes a proclamação d'um innocente pelo fogo custava mais tarde a vida ao paciente, no



Um duelo judicial na Renascença — O combate de La Chataignerie e de Jarnac (1547) (Segundo uma gravura do século XVI)

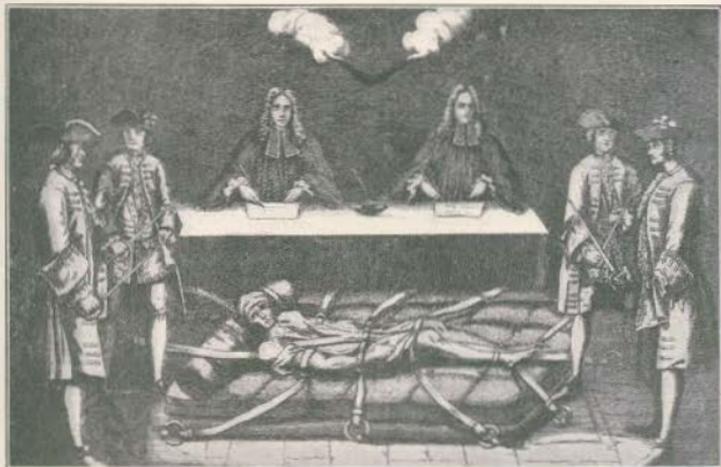
meio dos horrores da gangrena, da amputação ou da septicémia, — e quantas vezes os carrascos encapuzados de negro tiveram de depôr diante dos bispos ou dos reis, em vez de um paciente uivando nas dôres do supplicio, um simples e mudo cadaver horrorosa e medonhamente queimado! Mas não importava: era a palavra de Deus. As trombetas clangoravam vibrando os seus pavilhões de prata, o povo levantava ao céu as mãos humildes, e a justiça estava feita pela suprema e imutável vontade divina. A tortura, como meio judicial de provar sobrenaturalmente a innocencia ou a culpabilidade, era isto; mas ainda houve — e quasi até aos nos-



A tortura medieval — A prova dos borzeguins

sois dias! — a tortura como expediente tribunalicio para obrigar o réu á confissão do seu crime. Se a primeira fórma da «prova de fogo», da manopla, do brazeiro, do caldeiro de cobre, dos ladrilhos candentes não existiu propriamente como processo judicial em Portugal, cuja existencia politica data apenas do século XII e é por conseguinte relativamente moderna, a segunda fórma da tortura, pelo contrario, viveu largamente e dolorosamente entre nós durante muitos séculos, fez parte integrante da nossa maneira de administrar justiça, derivou naturalmente do nosso feitiço devoto e lugubre de mysticos hespanhoes, e desde os primeiros reis *condotieri* até ao vice-reinado de Manique, desde a barbaridade medieval de D. Sancho I até á violencia roman-





O supplicio de Damiens em 1757

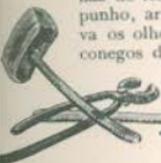
Antes de ser esquartejado, Damiens soffreu, como os Tutores, os mais horribéis supplicios. Deitado sobre um colchão, rasgaram-lhe o corpo com tenazes em brasa e entornaram-lhe nas feridas chumbo em fuzão.

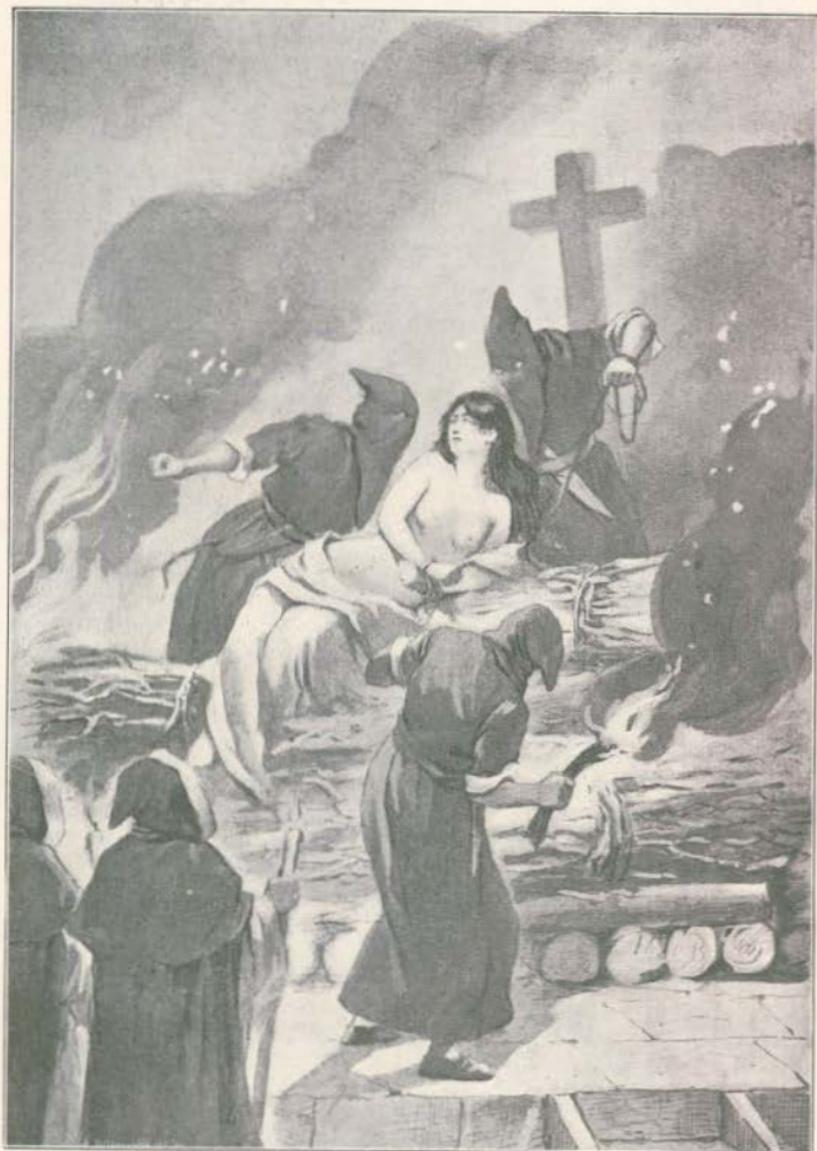
tica de D. Miguel, acompanhou sempre a par e passo a nossa historia com uma persistencia e uma pontualidade verdadeiramente admiraveis. Quem ler os nossos foraes (*Portugaliae Monumenta, Leges et consuetudinis*) encontra reliquias curiosas da tortura primitiva. No foral de Pombal e no de Zezere ainda existe a delapidação ou apedrejamento e o supplicio parcial pelo fogo. No foral de Santa Cruz de Villa Rica vemos o «cortamento de membro», especialmente das orelhas aos ladrões: «*prendat illos alcalides las orelhas, et si alia vice furtaverit motent illos*». E' sabido como D. Sancho I, no seu odio contra o poder do clero, com uma tenaz de ferro em punho, arrancava os olhos aos conegos das sés



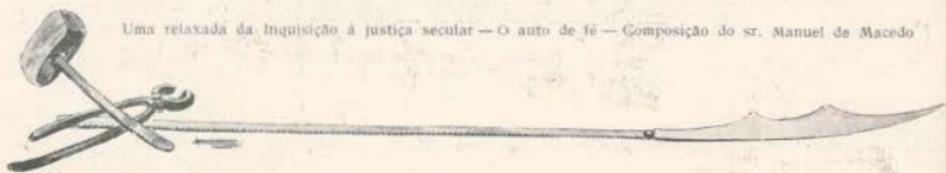
A prova da agua e da polé usada pela magistratura portugueza dos seculos XIV, XV, XVI e XVII

do Porto e de Coimbra. Eram os supplicios da idade bronzea da ascése e da força. Desde essas epochas de illuminismo medioevo e de barbaridade até ao estabelecimento do Santo Tribunal da Inquisição, — que de torturas, que de supplicios ensanguentaram Portugal! E d'ahi por diante, no pleno regimen dominicano da tortura systematica, que immente desfilam de crimes commettidos devota e soturnamente em nome de Deus! Como os antigos juizes barbaros, os bispos e os cardeaes inquisidores, purpurdos e imbecis, compraziãem-se na busca voluptuosa dos mais complicados processos de torturar. Desde o velho supplicio dos «borzeguins», que consistia em quebrar as pernas aos suppliciaados entre talas de madeira





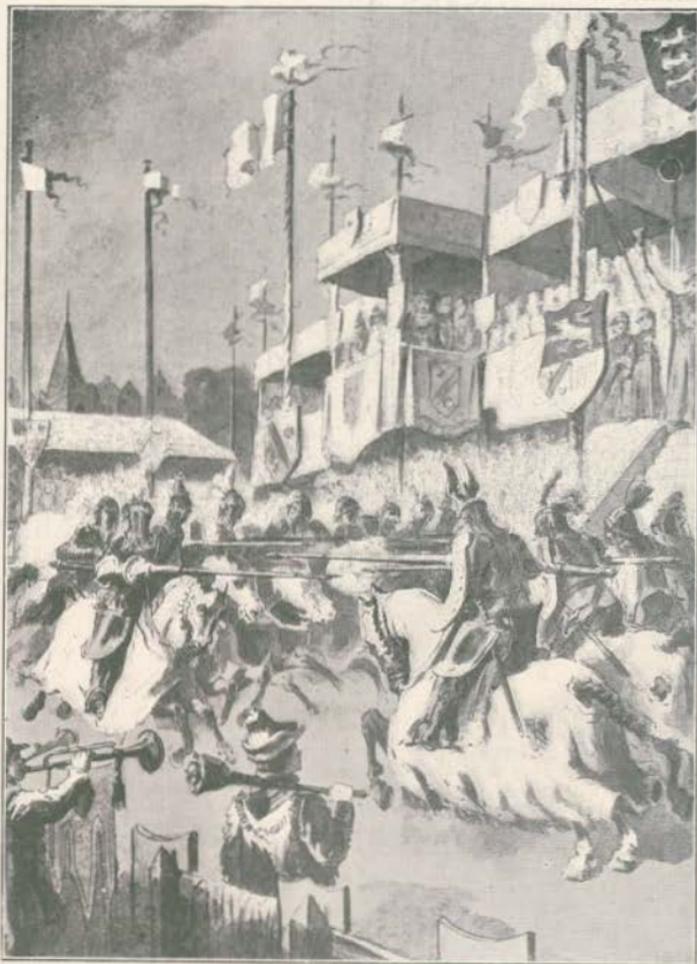
Uma relaxada da Inquisição à justiça secular — O auto de fé — Composição do sr. Manuel de Macedo



convenientemente articuladas que se approximavam pela cravação violenta de cunhas de madeira ou de ferro, até ao supplicio da agua, em que se fazia ingerir ao paciente uma celta inteira de liquido; desde a soleira de ferro em brasa que se applicava aos pés dos que negavam formalmente até ao supplicio da polé em que se deslocavam os braços e as pernas dos accusados para lhes arrancar no meio das dôres horribes da tortura uma confissão ou uma delação, — que immensa e tragica serie de atrocidades peiores mil vezes do que a propria morte! Quando por fim vinha a fogueira ou o garrote, como infinita misericordia, já não era um homem que levavam ao

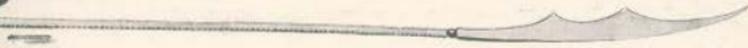
patibulo, — era um farrapo, era uma cousa, era quasi um cadaver, jennegrecido pelo carvão da tortura, os membros flacidos e inertes, apodrecendo já aos pedaços, e mostrando os ossos a surgir, carbonizados, pelos rasgões sangrentos da carne!

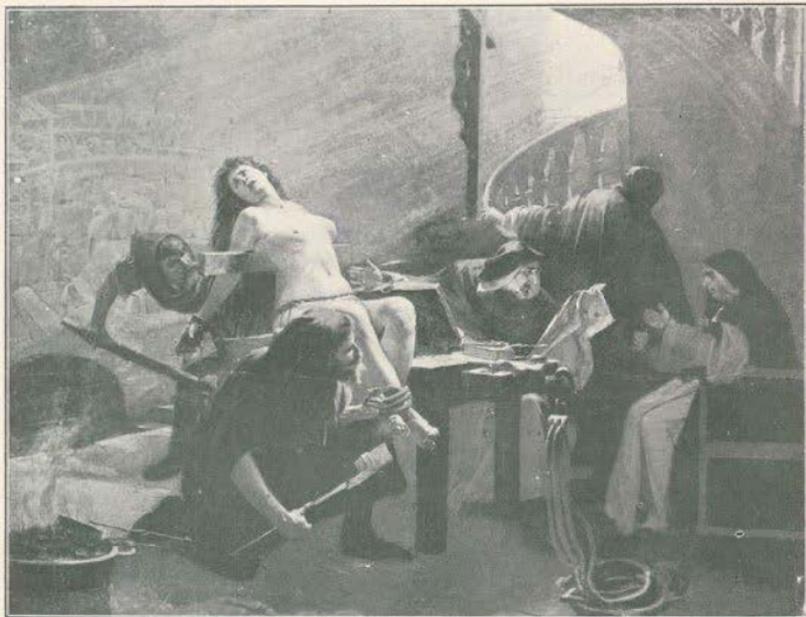
Mas a justiça não se servia apenas da tortura, n'esse tempo em que o soffrimento physico parecia nem sequer mover a



A Galanteria e a Bravura portuguezas
O septiduo dos «Doze de Inglaterra»

piedade humana; servia-se tambem do combate. O brazeiro era pouco para a solemnidade divina; foi necessario recorrer à lamina das espadas. Com a «tortura judiciaria» veio o «combate judiciario». Um homem nobre accusava outro de um crime; esse crime não se provava completa e satisfatoriamente. Como esclarecer a justiça? Por um processo ao mesmo tempo barbaro e simples: accusado e accusador batiam-se em campo fechado, vestidos de ferro, lan-

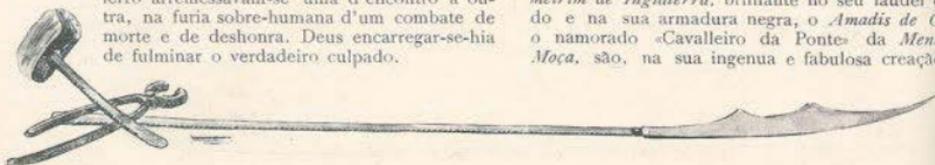




Um interrogatorio tragico — A tortura na Inquisição de Lisboa
(Quadro do sr. José de Brito, secretario e professor da Academia de Bellas Artes do Porto)

ça em punho, — e o vencido era *ipso facto* o criminoso. Uma vez o jarrete bronzeo do contendor ferrado sobre a arca do peito, uma vez esmalhado o lorigão ou rota a cota que o sangue avermelhava, — o julgamento de Deus estava feito, e aos homens apenas cumpria executar a sentença. O vencido era sem mais forma de processo arrancado do campo e enforcado n'um poste alto que dominava a cidade. Era isto o combate ao serviço da justiça. As mais das vezes, semelhante espectáculo constituia uma cerimonia de singular solemnidade e de raro esplendor. O rei e a cõrte assistiam; na estacada, em volta do campo da lucta, suspendiam-se tapeçarias preciosas, Arrás tecidos de ouro, guadamecias e estofos historiados; um arauto, coberto d'uma curta dalmatica d'ouro, dirigia o combate em nome do rei, do barão, ou do senhor; os juizes assistiam, impassiveis, n'uma das tribunas, esperando de Deus o julgamento supremo. As trombetas clangoravam, ouvia-se a voz estridente do arauto, e as duas molles de ferro arremessavam-se uma d'encontro á outra, na furia sobre-humana d'um combate de morte e de deshonra. Deus encarregar-se-hia de fulminar o verdadeiro culpado.

Mas as creanças? Mas as mulheres? Quem a defendia? Como podiam ellas justificar-se, pelas armas e pelo combate, das calumnias ou das accusações que lhes movessem? E' a pergunta que naturalmente acode, ao evocar-se a bronca violencia dos torneios judiciais da Edade Media. Quem defendia as mulheres e as creanças? Uma entidade profundamente sympathica dos primitivos tempos, um bom homem cuja memoria encheu a lenda dourada da cavallaria, quasi um santo que Cervantes acabou por metter a ridiculo no seu immortal *D. Quixote* o cavalleiro andante. Era o cavalleiro andante o padalino dos fracos, dos velhos, das mulheres; era elle que, pondo o seu braço e a sua lança ao serviço d'uma idéa nobre e d'um sentimento grande, defendia os fracos contra a Força, os pobres contra a Riqueza, os humildes contra o Poder. Os nossos romances de cavallaria, — um dos quaes mereceu honra de ser poupado pela cura do *D. Quixote* — estão cheios d'essas evocações luminosas que o espirito mystico do tempo produzira a favor da triste condição social dos fracos e das mulheres. O *Pelemeirim de Inglaterra*, brilhante no seu laudé domado e na sua armadura negra, o *Amadis de Gaula* o namorado «Cavalleiro da Ponte» da *Menina da Moca*, são, na sua ingenua e fabulosa criação mo-



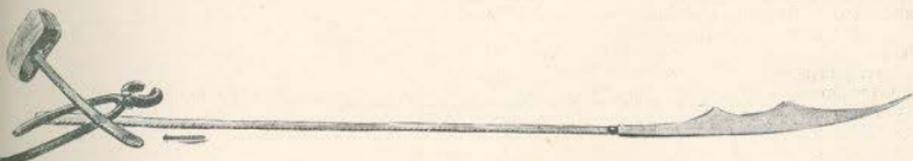
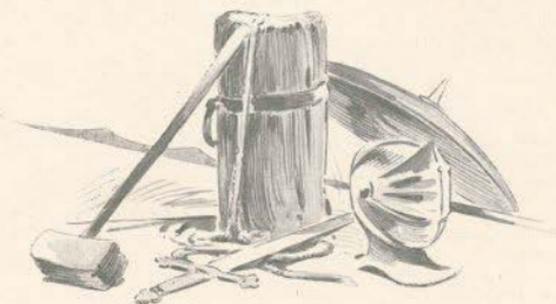
diéva, tres formas typicas do cavalleiro andar, te portuguez. Entre nós, não existiu bem claramente estabelecida a instituição pura da cavallaria. O nosso espirito cavalheiresco foi sempre essencialmente pratico, e em vez de nos levar a combate pela santa causa de mulheres ou de crianças indefezas, levou-nos pelo contrario a matar, a piratear e a roubar em nome de Christo, primeiro os arabes, depois os judeus, em seguida a India, mais tarde o Brazil e por ultimo... os frades. Entretanto, uma brilhante pagina de cavallaria ficou na nossa historia: a pagina nobilissima dos *Doze d'Inglaterra*, onde a figura sympathica e um pouco caricatural do *Magriço* destaca no ouro chammejante do seu sobre-gonel de brocado e no brilho fero das suas grévas, das suas braçadeiras, dos seus fortes rebrachos e avan-brachos. Doze damas inglezas tinham sido insultadas; não houvera entre todos os fidalgos normandos um só que varresse a affronta a ponta de lança. Mette-se n'isso o rei, o duque de Lencastre; toda a nobreza de Portugal se oferece em pezo, são escolhidos doze dos mais illustres cavalleiros, apromptam-se armas, emplumam-se bacinetes, bordam-se laudéis e sobre-vestes, afiam-se espadas, aguçam-se lanças, — parte uma nau a caminho d'Inglaterra, e pouco depois, em campo razo, n'uma estacada de tapeçarias, em frente da côrte ingleza coberta d'ouro, os doze paladinos das damas ultrajadas rompem n'uma nuvem de poeira, chocam-se terrivelmente vinte e quatro corpos de ferro, ha gritos roucos, estrepito d'armas, e com infinito jubilo das damas, que desmaiam d'alegria, os doze portuguezes vencem varrendo o campo e deixando estendidos na arena os calumniadores...

Foi a nossa unica pagina de bravura cavalheiresca — mas nenhuma outra a iguala em nobreza e em galanteria. *Magriço* ficou como o symbolo do portuguez que se bate por mu-

lheres, namorado e turbulento, consagrando atravez os seculos a nossa fama de brigões e de apaixonados. Depois, nada mais na nossa historia nos recorda a instituição da cavallaria mediéva. A' côrte de D. Affonso V vem ainda um cavalleiro andante, *messire Jacques de Lalain*, fidalgo e grande senhor de Borgonha, desafiar quem com elle quizesse combater em terreiro. O rei dignou-se recebê-lo com toda a pompa, deu-lhe a honra de permittir-lhe que dançasse com a rainha, — mas quanto a combates e a luctas achou mais prudente responder — *que não soffreria que qualquer dos da sua casa ou reino tomasse armas contra um servizador da casa de Borgonha*. D. Magriço já estava morto.

Em seguida, com a Renascença, e mais tarde com a *charge* de Cervantes, a cavallaria acabou, — e com ella as ultimas reliquias do combate judiciario. Ainda em 1547, em França, se realisa excepcionalmente e com os cuidados de uma verdadeira reconstituição historica, o celebre combate de La Chataigneraye e de Jarnac, — em que este ultimo realisou o golpe baixo e imprevisto conhecido na tradição por — golpe de Jarnac. Depois, a justiça contentou-se com a tortura inquisitorial e com os tormentos nos interrogatorios, — e prescindiu da espada para o julgamento de Deus. O combate judiciario deixou de existir na sua forma pura de torneio sumptuoso e solemne, — acabando pelo enforcamento do criminoso. Entretanto — o que é a força da tradição! — depois de tantos e tantos seculos, de tantas e tantas conquistas do espirito moderno, ainda alguma coisa resta d'essa instituição estúpida, que só o obscurantismo dos tempos barbaros desculpava: essa alguma coisa — é o duello dos nossos dias.

Porque não ha de desaparecer tambem essa reliquia anachronica, — como desapareceu a tortura e como desapareceu o combate judiciario?





JOSÉ RICARDO

AMELIA LOPICCOLO

FAVAS CONTADAS...

Revista em 3 actos, de Camara Lima, musica do maestro Philippe Duarte, representada no theatro Avenida, na noite de 12 de janeiro

PARA escrever uma revista do anno é essencial ter graça. Homens espirituosos tem escrito revistas fastidiosissimas. O espirito da revista não se parece com o espirito chalaceador do deputado sr. Luiz da Gama, nem com o espirito attico, todo de ironias litterarias, do sr. João Chagas.

Eduardo Schwalbach foi o ultimo auctor de revistas, que teve espontaneamente, como um dote natural, esse espirito brincalhão e gracioso, que se accomoda ao *couplet*, que resume um acontecimento, que define inconfundivelmente um typo. Uma revista de Schwalbach com figurinos de Raphael era, ha dez annos, um espectáculo para cincoenta representações ininterruptas. Fatigava-se o *compère*, fatigavam-se as actrizes, e não se cansava o espectador nem envelhecia a revista. Mas Schwalbach deixou um dia de escrever para a rua dos Condes e passou a fazer discursos em S. Bento. A liberdade excessiva, tradicionalmente concedida aos auctores de revistas, succederá uma repressão vigilante. A tesoura da censura principiou a cortar, inexoravelmente, a *charge* politica. Para triumphar da censura, o auctor lançou mão de todos os expedientes. A revista começou a explorar o dicto equivooco e caminhou, ao abrigo da vigilancia policial, quasi até á pornographia. Nem todos os escriptores podiam porém entrar n'esse caminho escabroso, dispondo de uma linguagem que não se presta, como a franceza, ao immoderado exercicio da malicia. E escreveu-se então que a revista estava em plena fallencia. Mas não morde assim m genero de theatro que tão profun-

damente lograra radicar-se nas predilecções do publico; unico em Portugal, pela falta de vocação e educações musicas authenticas, que, substituído operetta, podia aproveitar a collaboração da musica e do canto. A revista transigiu, adaptou-se ás circumstancias e renasceu.

Na historia ainda curta d'este renascimento obra de Camara Lima, que em scena no Avenida, me citar-se como um modelo. Camara Lima, sob a ameaça da censura, conseguiu o milagre de fazer a salvo a critica, cheia de ironia, dos recentes acontecimentos politicos, não pozendo nenhuma das personas que n'elles intervieram. A serie de combinações engenhosas que assim lhe permitto manter quasi integras pagens da mais flagelladora *tyra* e pôr em scena allusões transparentes a assumptos



CAMARA LIMA

prohibidos, constitue um trabalho de sagacidade e de imaginação dos mais brilhantes. A exuberancia do trocadilho, a liberdade dos jogos de palavras, a quasi sem-nitida e perfeita equivalencia da expressão e intenção, são outras tantas revelações de n'ria, que o consagram definitivamente no genero.

A sua revista tem ainda doses sufficientes para o gosto das maiorias, a malicia e o

com que é necessario tempo os espectaculos populares, n'uma terra de sensibilidade e de chalaca, como Lisboa.

José Ricardo, que já montára no Principe Real *Anno em tres dias* com um apuro notavel, excedeu-se no capricho com que poz em scena a nova revista de Camara Lima. Até que enfim, a electricidade entrou de vez a collaborar na *mise-en-*



FINAL DO 1.º QUADRO DO 1.º ACTO — SCENARIO DE E. MACHADO

dos nossos theatros com a sua varinha magica, e o guarda-roupa, que Francisco Falha encontrara na mais primitiva indigencia e que lograra elevar, pela phantasia, pela opulencia e pela belleza á categoria de um dos factores essenciaes ao exito das suas peças, recomeça a merecer aos empregarios attentões desveladas e uma superintendencia vigilante, que os *costumiers* se tinham acostumado a não consentir, como um ultrage á sua omni-scencia.

José Ricardo vestiu a revista, cujos destinos lhe estavam confiados, com um verdadeiro delirio de grandezas, sem poupar os velludos e os setins. O conjunto da scena final do 1.º acto é, sob todos os pontos de vista, como scenario, effeitos de luz, guarda-roupa e distribuição de figuras, uma obra que honra um empregario e faz a reputação de uma empresa. Dados os recursos modestos do theatro Avenida — a mais sacrificada das salas de espectáculo de Lisboa pelo seu isolamento, — ninguem teria o magnifico arrojado de José Ricardo. Ainda Camara Lima, para em tudo ser feliz, encon-

trou no talento de Filippe Duarte um collaborador inapreciavel, que escreveu para a revista uma musica que bastaria para lhe garantir o exito.

Assim, pelo dialogo, esfuante de espirito, de e a seguir damos uma amostra a leitores da *Illustração Portugueza*, pelo brilho da partitura de Filippe Duarte, pelo esplendor da *mise en scène*, pela belleza do scenario, visto a Machado, a Augusto Espinosa, a Salvador e a Carancini, pela variedade e phantasia do guarda-roupa, todo elle riquissimo, confeccionado sobre figurinos de Eduardo Machado e de Abilio Guimarães, e sobretudo pela desenvoltura graciosa de Lopiccolo e pela inexaurivel comica de José Ricardo, que ensaiou com o talento de um mestre, a nova revista de Camara Lima está destinada a guardar ciumosamente o cartaz por largo prazo.

Transcrevendo do 2.º quadro do 1.º acto uma scena de mais espirito da revista, deixamos ao leitor a fazer justiça ao seu auctor, certos de que os nossos leitores de hoje serão os seus espectadores de amanhã.



MAESTRO FILIPPE DUARTE



FINAL DO 1.º ACTO — SCENARIO DE AUGUSTO PINA

MORTUUS EST LARICA — V. ex.^a dá licença?

PORTEIRO — Entre.

LARICA — Para os fins que v. ex.^a tiver por convenientes, tenho a honra de me apresentar a v.^a ex.^a.

PORTEIRO — Muito bem...

LARICA — Passo às mãos de v. ex.^a a minha certidão d'obito.

PORTEIRO (*tendo*) — Está em regra.

LARICA — Rogo a v. ex.^a se digne informar-me onde devo ir assignar o ponto.

PORTEIRO — Perdão, que era vocemecê na Terra?

LARICA — Satisfazendo á pergunta de v. ex.^a, cabe-me dizer que era amanuense da 3.^a secção da 2.^a divisão da 4.^a repartição da Direcção Geral dos Proprios Nacionaes.

PORTEIRO — De que morreu?

LARICA — De fome.

PORTEIRO — Vocemecê soffria?

LARICA — Para os devidos effeitos sou a informar v. ex.^a que soffria do estomago.

PORTEIRO — Más digestões?

LARICA — Nem más, nem boas, porque não tinha que digerir. O meu mal era appetite chronico.

PORTEIRO — Não tinha mais nada?

LARICA — Outrosim, tinha muito que fazer na repartição todos os dias uteis, tinha mulher e cinco filhos em casa mesmo aos domingos e dias santos e tinha por mez 14\$730.

PORTEIRO — A sua familia não o ajudava?

LARICA — Ajudava, sim, senhor. Ajudava-me a fingir que comia os 14\$730.

PORTEIRO — Os seus filhos não faziam nada?

LARICA — Faziam, sim, senhor. Aprendiam a cantar. Já faziam cruces.

PORTEIRO — Ah, então ganhavam...

LARICA — Não, senhor, não ganhavam. Faziam cruces mas na bocca.

PORTEIRO — Morreu de bem com Deus?

LARICA — A gente não estava de mal.

PORTEIRO — Sente-se arrependido dos seus peccados?

LARICA — Sinto-me arrependido de não ter comido como alguns que conheci.

PORTEIRO — Sente-se preso por algum laço á vida terrena?

LARICA — Sinto, sim, senhor, pelo laço da fome. Soffri tanto em vida que ainda a sinto depois de morto.

PORTEIRO — Oh homem, com 14\$730 não digo que se passe á larga, mas chega para viver.

LARICA — Só comendo cevada e não ha de ser muita

PORTEIRO (*enfadado*) — Pois comesse cevada! E se não a comeu, coma-a. Que tal está!...

LARICA — Se em vida não a pude comer, depois de morto, no sitio em que a gente costuma trazê-a, ainda menos.



FINAL DO 3.^o ACTO — SCENARIO DE E. MACHADO

A Iconographia Funeraria em Portugal

Desnecessario será esclarecer que o nosso paiz é excepcionalmente rico, quasi, se pode affirmar, opulento, em monumentos mortuarios. Apesar das barbaridades e vandalismos sem conta, ainda abundam exemplares respeitantes a todos os cyclos d'arte proclamando victoriosamente a trajectoria da evolução esthetica, desde o seculo XII, e assignalando o curso da historia nacional na homenagem ás suas figuras excellas. Impõe-se pois o dever de os vulgarisar. Com estas palavras se justifica a publicação d'este capítulo de estudo sobre o passado nas paginas d'«A Illustração Portuguesa», a qual se inicia com

O TUMULO DO INFANTE D. AFFONSO



Transposto o guarda-vento do portico principal da Sé de Braga, á direita, ao fundo da nave lateral, n'um arco achavascado e cavado na espessura da parede se encontra o sarcophago do primeiro filho varão do Mestre d'Aviz. Mal podendo observar-se pela claridade vaga e apenumbra da que o cerca, ali se arruma, como cousa inutil, o precioso monumento, a soterrar-se no pó de que ninguem o exumba e a apodrecer na humidade de que ninguem o liberta. E, todavia, bem digno era de melhor sorte.

Na Flandres foi feito e da Flandres veio, no segundo quartel do seculo XV, por mandado expresso da infanta D. Izabel, casada com o glorioso Philippe III, o *Bom*, duque de Borgonha, para n'elle se recolherem as cinzas do seu saudoso irmãosoito que de menino se finára e que da familia nobilissima fôra o primeiro colhido pela morte.

A arca tumular de carvalho do norte e, pelo exterior, revestida inteiramente de cobre dourado, *repuissé*. As quatro faces são envoldidas por dezeseis paineis, divididos por sobrios contrafortes e risonha e exuberantemente historiados com motivos d'uma extravagante phantasia naturalista que tanto caracteriza as decorações flamengas. Em cada um, absolutamente differente do immediato, avulta, a meio, o tronco sinuoso d'uma arvore por entre cujas ramagens se exhibem tipos de fauna indigena, bravia, ou exotica, e figuras com a forma humana geralmente associada á dos seres inferiores, exemplo: o guerreiro couraçado, com escudo e lança, de pernas de reptil, e o frade com o habito erguido para deixar vêr o resto do corpo d'um quadrupede. Estes illogismos, como observação conceptiva, não obstante o agudo realismo que irradiam, de repente, suggerem os caprichos esculptoricos das egrejas romanicas, inspira-los nos *Bestiarios*: como factura, este trabalho decorativo, pelo movimento que o anima, no exagero plastico e no esgare grotesco, pela precisa segurança do contorno e pela admiravel gradação do relevo parece precursor das obras da tenaseença. No friso do bordo da tampa e subjacente á denticulação de ameias (tanto em uso no alto dos edificios flamengos da epocha) desenrola-se a legenda, hoje incompleta, que em caracteres gothicos aurifulgindo sobre o negro esmalte diz: *aquey yaz o yufante don afonso de portugal quem d... filho do nobre rey don yoañ de portugal...*

Nenhum brazão. Nenhuma divisa heraldica.

O ataude cobre-se com a ampla mortalha, metallica tambem, n'um arranjo laborioso de afavelavel develo familiar em que repousa, levemente, como fardo que mal pesa, a figura infantil do principe, com pouco mais de metro, dormindo o sereno somno da sua immaculada meninice. O seu pequenino rosto oval, que as madeixas emolduram, nenhuma ruga o perturba e encrespa na candida pureza da sua infancia. Os labios entreabrem-se na fuga do ultimo sorriso; as mãos finas que emergem dos punhos d'arrebiques e cobertos de labores entrelaçam-se na expressão do ultimo gesto.

Flamenga é essa cabecita d'uma terna modelação recostando-se nas duas almofadas lavradas que dois anjos, outr'ora, adoravelmente amparavam; flamengas são as vestes, cingidas na cintura por uma correia cravejada e que, honestamente e n'uma composta harmonia, encobrem o franzino corpo, deixando vêr apenas um dos pés, custosamente calçado, que, d'antes, se arrimava com o seu par a um cachorroto adormecido.

Um espiritualizado encanto se diffunde d'este gracioso cofre, producto d'uma arte singular que attingiu o seu maior esplendor sob o patrocínio, enthusiastico, ardente, sem limites, do philippico Mecenas que pelo casamento se ligou á corôa de Portugal. Mas ainda se não disse tudo...

Confiado ao sacro recato do veneravel templo de Braga pela piedosa irmã, teve esta em D. Diogo de Sousa (seculo XVI) o continuador intelligente no desejo de prestar o ultimo tributo á memoria do querido infante extinto.

O magnanimo arcebispo, dotado d'uma alta educação esthetica, defendeu o bello sepulchro dos ultrages do futuro resguardando-o com *reixas* de ferro e abrigando-o com o doce de madeira chapeada, brazonado ao centro, e alçado sobre quatro columnas de cobre cuja ornamentação representa a hera florida subindo em espiral; quatro leões de metal, tambem rapinados, o preservavam das adherencias funestas do pavimento. Baldado empenho o do preclaro primaz. O ineffavel juzgo que tanto o commoveu e seduziu foi barbaramente arrancado ao desafogo central da Sé onde se observava, por completo e a plena luz, para se encurrallar no vão do escuro e tosco arco fechado com metade do gradameado que o encerrava! E assim ficou, vae para dois seculos... As consequências de tal disparate estão bem patentes: ignobeis sevicias e rapinas provocadas pelo escudo do sitio, amortecimento do brilho flammeante do ouro pela crosta da poeira secular e pelos esferdinhamentos das oxidações corrosivas, resultantes da humidade, que o vão anniquilando.

A providencia de D. Diogo não bastou. Necessario era que o eminente prelado instituisse algum chorudo beneficio para recomendar, quotidianamente, o magnifico mausoleo ás solitudes e attentções da posteridade canonica...

Não obstante a cruzada de justa reparação ao passado, sahida, captivamente, de Coimbra, e que se alastrou por todo o reino, o cabido braguez consente, impassivel, no crime imperdoavel da ruina e perda proxima do famoso tumulo de raro apreço em qualquer parte do mundo.

MANUEL MONTEIRO.

(*Clôchê do sr. João São Romão*)

ARMORIAL PORTUGUEZ

PAR
H.C. AMADO



Barahona

Em campo de ouro, quatro bandas sanguinhas.

Timbre: Um braço armado de prata segurando uma espada de prata com copos de ouro e com punho sanguinho e com a folha quebrada pelo meio.



Barba

Em campo de prata, uma cruz preta florida e vazia, entre dois ramos verdes de hera, que principiando no fundo do escudo se vão estendendo em orla até se juntarem no meio do chefe.

Timbre: Um mouro nucente vestido de verde com trunfa de prata e vermelho, barba comprida e as mãos postas sobre o peito, uma sobre a outra.



Barata

La: campo negro, tres mãos drettas de ouro com as palmas para fóra e collocadas em roquete.

Timbre: Uma das mãos.



Barbeño

Em campo de ouro, cinco estrellas vermelhas de oito pontas, em santor e orla azul liza.

Timbre: Duas espadas de prata com as pontas para baixo, om os copos de ouro e os punhos de azul, postas em aspa.

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alianças a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 12000 réis e par. Lindos colares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.



Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo surtido de bicyclettes e accesorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «E. S. A.» e Linox. Recebeu-se nova renovação da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisonjeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accesorios como bem samplada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande surtido de protectores ingleses, buxinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribução o novo catalogo da 1906-1907. Devotos para vender. J. Castello Branco, rua do Socorro, 48, e rua de Santo Antão, 22 e 24 — Lisboa.

A mais importante casa de automoveis em Portugal

A. BEAUVALET & C.^{TA}

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicolau
Suocursal de

LISBOA



Suplemento humovistivo
do 'O Seculo'

Recebem-se assignaturas,*
com gestos e correio p' nientes ad esta empresa

Aguaes mineraes do Monte Banho

COLLARES

R. Arco Bandeira, 216, 2.^o
LISBOAAguaes mineraes do Monte Banho
COLLARES

Agente em Paris: — Camille Lhman, 26, Rue Vignon



Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vi

SÉDE SOCIAL—RIO DE JANEIRO

Filial em Portugal — Largo de Camões, 12, 1.º — Lisboa

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro do Estado Honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado Honorario e foute da Escola de Direito.

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerente: M. A. de Pinho e Silva.

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido a maior acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados.

Director local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro — Unicamente adoptado pela «EQUITATIVA»

Nos sorteios de abril e outubro de 1905 e abril de 1906 foram contempladas as seguintes apólices sendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20480 — D. Amelia Marques da Costa Barros — Porto — 120.000\$00	20230 — Dr. Antonio Cesar Almeida Retas — Figueira da Foz — 100.000\$00
20070 — Dr. João Maria da Costa — Alentejo — 1.000\$000	20755 — José Fernandes Rodrigues — Lisboa — 100.000\$00
20201 — Lino Joaquim de Almeida Azular — Lisboa — 150.000\$00	20811 — Adolfo de Mattos — Ponte de Lima — 100.000\$00
20809 — José João Teófilo — S. Estevão — 120.000\$00	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho — Lisboa — 100.000\$00
20346 — D. Maria da Silva Galliarino — Alentejo — 120.000\$00	

DOTAÇÕES DE CRIANÇAS DE 1 AOS 15 ANOS

Serão attendidos todos os pedidos de tabeellas de premios, prospectos e outras informações que forem dirigidos a esta Filial.

Filial d'A EQUITATIVA dos E. U. do Brazil
LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon